



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRONICA

da FÁTIMA

(13 DE AGOSTO)

A grande peregrinação do Porto. — Apostolado da Oração de Paranhos. — O Rev.º Dr. Manuel Pereira da Silva. — Solene triduo de preparação. — O Santo Dr. Francisco Cruz. — Missa de Comunhão Geral.

No dia treze do mês de Setembro do ano findo, a nobre e gloriosa cidade da Virgem trouxe algumas dezenas de seus filhos em terna e piedosa romagem, aos pés da sua augusta Padroeira, erguida em throno de misericórdia e de amor no venerando Sanctuario de Fatima. Muitos doentes, em estado bastante grave acompanharam a peregrinação afim de implorarem a cura de seus males, e Aquela que com razão é chamada a Saude dos enfermos — *Salus infirmorum* — envolveu-os num doce olhar de compaixão, curando uns, melhorando outros, convertendo alguns, confortando e consolando todos com a ternura inefavel do seu coração maternal.

A noticia dos inumeros favores extraordinarios com que essa minuscula mas bem organizada peregrinação, que não perfazia um total de cincoenta pessoas, foi privilegiada pela Mãe da divina Graça, espalhou-se com uma rapidez prodigiosa pela região do norte do paiz e ao mesmo tempo que propagava a devoção a Nossa Senhora de Fatima suscitava a ideia de uma nova romagem, mais numerosa e mais imponente, e preparava o ambiente para a sua realização.

E assim foi que a direcção do Apostolado da Oração de Paranhos, de accordo com o abade daquela freguesia rev. dr. Manuel Pereira da Silva, tomou a iniciativa de organizar uma peregrinação do Porto a Fatima, precedida da conveniente preparação religiosa.

Nos dias 9, 10 e 11 de Agosto efectuou-se, na linda e espaçosa igreja parochial um triduo solene, tendo prégado todos os dias o rev. dr. Cruz, cuja fama de santidade atrahiu áquele templo um concurso extraordinario de fiéis de todos os pontos da formosa capital do Norte. As verdades eternas e os preceitos da moral cristã foram expostos pelo orador com a proficiencia e a unção que lhe são peculiares, tendo produzido as suas singelas mas substanciosas praticas fructos abundantes e uberrimos de salvação. No dia 12, pelas oito horas, celebrou-se a missa de Comunhão geral, aproximando-se devotamente da meza eucaristica centenas de fiéis na sua grande maioria peregrinos.

Para o brilho e relevo acentuadamente piedoso que tiveram estas solenidades assim como para a boa organização e exito feliz da peregrinação — a pri-

meira grande peregrinação do Norte que levou a Fatima mais de 600 portuenses — contribuíram em larga escala o extremado zelo e dedicação do rev. abade de Paranhos e do rev. dr. Cruz assim como o esforço incansavel e a abnegação a toda a prova dos membros da direcção do Apostolado da Oração daquela freguesia, entre os quaes, sem desprimôr para ninguém, são dignos de especial referencia, os srs. Joaquim José Esteves e Antonio Costa.

Na estação de S. Bento. — Partida do comboio especial. — Durante a viagem. — A nobre e linda princeza do Liz. — Na vasta e magestosa Sé Catedral. — Allocução de boas vindas do venerando Antístite Leiriense. — Benção do Santíssimo

A partida do comboio especial, que havia de conduzir os peregrinos do Porto

á encantadora princeza do Liz, estava marcada para a uma hora da tarde. Pouco depois do meio-dia começaram a afluír á estação de S. Bento os peregrinos cuja entrada na gare lhes era facultada mediante a apresentação da competente senha de inscrição. Os chefes dirigiam o serviço com serenidade e cordura tão difíceis de manter em tais ocasiões e os peregrinos esmeravam-se na obediencia pronta ás instrucções que lhes eram dadas.

Só quasi ás duas horas os ultimos peregrinos conseguiram ocupar os seus logares.

so os empregados das estações e as demais pessoas que estacionam nas plataformas acolhem com visíveis demonstrações de respeito e benevolencia, se não de sympathy, a passagem da peregrinação ao nosso primeiro sanctuario nacional. A's sete horas da tarde o comboio entra nas agulhas na estação de Leiria. A gloriosa cidade episcopal debruça-se sobre as mansas aguas do rio Liz para nelas ver retratados os seus encantos e do alto do seu velho e historico Castelo, de ameias arruinadas, contempla, absorta em extase, a planicie imensa, rica de hortas e pomares, povoada de aldeias e casas, que



Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

Na plataforma, parentes e pessoas das suas relações, em grande numero, faziam as suas despedidas. Momentos depois o chefe da estação dá o signal da partida, ouve-se o silvo estridente da locomotiva e o comboio especial larga a todo o vapor na direcção do sul, transpondo montes e vales na sua marcha veloz em demanda da região dos misterios e dos prodigios, a terra sagrada e mil vezes bendita de Fatima.

Durante a viagem os peregrinos nas suas respectivas carruagens rezam o terço em comum, geralmente sob a presidencia dum sacerdote, e cantam piedosos hymnos de louvor á Virgem. O chefe do comboio procede á revisão dos bilhetes usando sempre duma gentileza e amabilidade captivante para com todos os passageiros, sem por isso deixar de cumprir conscienciosamente os seus deveres profissionais. Nalgumas estações o comboio pára, com curta demora, afim de receber novos peregrinos ou por exigencias do serviço ferroviario. Durante o percur-

se estende a seus pés por léguas e léguas sem conto. Vehiculos de todas as especies e tamanhos, transportam para Leiria a onda humana que o comboio despejou e meia hora depois era cheio de encanto o espectáculo que oferecia a Sé Catedral que tinha vestido as suas melhores galas para receber festivamente no seu seio a grande e luzida embaixada da cidade da Virgem.

Centenas de lampadas electricas iluminavam o vasto recinto que comportava uma multidão imensa composta de peregrinos e de habitantes da cidade que com eles queriam confraternisar desde a primeira hora aos pés de Deus e junto do altar de Maria. O venerando e illustre Prelado, sua excelencia reverendissima o senhor D. José Alves Correia da Silva, aproveita o ensejo para numa breve e eloquente allocução verdadeiramente paternal, impregnada de fé e dictada pelo seu bondoso coração de Pastor d'almas, dar as boas vindas aos seus hospedes de alguns dias é recomendar-lhes que façam

a sua romagem com espirito de piedade e penitencia.

A benção do Santissimo poz remate a esta singela mas tocante recepção, dirigindo-se logo muitos peregrinos para Fátima e ficando outros ainda durante algum tempo em Leiria para jantar ou descansar.

Uma respeitavel senhora desta cidade, num rasgo altamente sympatico de rara gentileza, ofereceu um grande cesto com deliciosa fructa das suas propriedades, para que os peregrinos mais sequiosos se refrigerassem comendo-a por ocasião da sua chegada.

Ascensão da montanha sagrada.— Imponente e magesto sa procissão das velas.— Primeira adoração nocturna na Cova da Iria.— Preees e canticos.— Benção do Santissimo Sacramento.— Missa d'Alva.

Durante todo o dia de sexta-feira, vespera do decimo anniversario da ante-ultima aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, numerosos peregrinos, de todas as classes e condições sociaes e de diversos pontos do paiz percorrem a pé ou em vehiculos de todos os feitios e tamanhos, as estradas que conduzem a Fátima.

Sobre a tarde, pela noite adiante e principalmente ás primeiras horas da manhã o concurso de peregrinos intensifica-se dum modo assombroso despejando como um rio gigantesco verdadeiras catadupas humanas na vasta bacia do local das aparições.

A's 9 horas da noite realisa-se mais uma vez a magestosa procissão das velas, a que imprimem um singular realce a presença da maior parte dos peregrinos do Porto, a piedade sincera e profunda de todos os fieis de ambos os sexos que nela tomam parte e a boa ordem e regularidade com que se desenrola desde o principio até ao fim, em que se canta o *Credo* de Lourdes.

O Rei do Ceu e da terra, occulto sob as especies de pão no seu Sacramento de amor, a Santissima e Augustissima Eucaristia, é exposto pela primeira vez durante a noite na Cova da Iria á adoração dos fieis sobre um trono de luzes e de flores armado com muita arte e gosto no altar-mór da Capella das missas.

E' então que as almas eleitas ali presentes ou dispersas pelo paiz que, num rasgo de amor e generosidade se ofereceram á Justiça divina como victimas de expiação pelas culpas individuaes e pelas iniquidades colectivas da nossa Patria, volvem os olhos ou o pensamento para Jesus-Hostia—a Victima por antonomasia—afim de apresentarem ao Eterno Pae em união com Ele e no mesmo espirito de reparação e desagravo, o incenso rescedente das suas adorações e das suas supplicas, o ouro precioso do reconhecimento da realza e dos direitos de Deus, e a myrra agri-doce dos seus sacrificios, das suas renuncias e das suas inolações compensadoras. No meio do silencio e da solidão da noite, á luz de prata de um palido e formoso luar naquela estancia privilegiada, onde cada pedra é testemunha de um prodigio do Ceu, o espirito alheia-se mais facilmente das preocupações do mundo, a oração é mais intensa e fervorosa, o recolhimento torna-se mais profundo e a multidão apesar do frio e do desconforto do local ao ar livre, permanece de joelhos, rezando e cantando, num preito ardente de gloria, amor e reparação ao Rei imortal dos seculos.

Após a hora de adoração em comum, a peregrinação do Porto, então já presente na quasi totalidade dos seus membros, faz a sua hora privativa de adoração, mantendo sempre o maior respeito e dando inequivocas provas de uma piedade solida e bem formada.

Põe remate a estes cultos encendidos a Jesus-Hostia a benção com o Santissimo Sacramento.

Por fim, ás quatro horas e meia da manhã começa a longa serie de missas celebradas pelos sacerdotes peregrinos. A primeira é a do rev. dr. Manuel Marques dos Santos, professor do Seminario de Leiria e capelão director da Associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosario do Fatima.

Assistem a ella, entre outras pessoas, muitos escoteiros e servitas, que recebem, com a mais viva e edificante devoção, o Pão dos Anjos.

Peregrinação dos Riachos.— Grupo de peregrinos de Torres Novas.— Grupo da Murtoesa.— Fé e piedade dos peregrinos.— Confissões e Comunhões.

Riachos, pequena povoação laboriosa e profundamente christã, situada entre a estação do Entroncamento e a villa de Torres Novas, enviou este mês a Fátima uma luzida representação para depór aos pés da Augusta Virgem do Rosario as homenagens da sua veneração e do seu amor filial.

Eram mais de cem os membros desta brilhante e piedosa embaixada, a que presidiu o venerando paroco, o rev. Paulo Marques, sacerdote ilustrado e zeloso, que vive todo entregue á pastoreação da grei que Deus confiou á sua guarda, cuidando com a maior solicitude e dedicação dos seus interesses espirituaes e materiaes.

Aproveitando o ensejo para visitarem o grandioso mosteiro da Batalha, padião, immortal das nossas glorias nacionaes, os peregrinos em vez de partirem directamente para Fátima, seguiram em camions para Leiria, onde chegaram no dia 13 de manhã, e em cuja catedral ouviram a santa Missa celebrada pelo venerando Prelado, que lhes fez uma tocante pratica e lhes ministrou a Sagrada Comunhão.

De Torres Novas seguiu tambem para Fátima um apreciavel numero de romeiros, todos socios da Associação da Juventude Catholica daquela importante villa, constituindo um grupo presidido pela figura inconfundivel de padre e de pastor d'almas que é o rev. João Nunes Ferreira, paroco de S. Pedro de Torres Novas. A Murtoesa enviou igualmente ao local que a Rainha dos Anjos santificou com a sua presença visivel, uma brilhante pleiade de filhos seus, que não recuaram perante as fadigas de uma longa jornada em camion por estradas quasi intransitaveis.

Edificava a todos a devoção dos peregrinos, sobretudo dos homens e rapazes, que se associavam sem respeitos humanos e com a maior gravidade e compostura aos actos de piedade collectivos.

As confissões de pessoas do sexo masculino, unicas até hoje auctorizadas nos Sanctuarios da Cova da Iria nos dias 13, mercê da falta de sacerdotes disponiveis para atender todos os que precisam de recorrer ao tribunal da penitencia, elevaram-se a muitas centenas, e não foram mais numerosas porque a maior parte já se tinham preparado nas suas terras com a confissão sacramental para poderem fazer a Comunhão em Fátima.

Desde as cinco horas da madrugada até cerca das duas horas da tarde foi distribuido o Pão dos Anjos a muitos milhares de fieis que para o receberem se collocavam em extensas filas duplas, cujas extremidades chegavam por vezes até ao meio da esplanada. Sublime e emocionante espectáculo, que impressionava profundamente e comovia até ás lagrimas!

O Posto das verificações medicas.— No Pavilhão dos doentes.— Dedicção dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosario.— A miraculada Rosa Maria Ribeiro, do Porto.— Procissão da veneranda Imagem.— A Missa Oficial.— Benção dos doentes.

A affluencia de doentes ao Posto das verificações medicas para alli serem observados e obterem a desejada senha de ingressa no respectivo Pavilhão não foi inferior á dos dois mezes anteriores. Preside ao serviço de inspecção medica o dr. Pereira Gens, da Batalha, director do Posto. O accesso é regulado pelos servitas e escoteiros, transportando aqueles os doentes e fiscalizando estes as entradas. Perante os medicos vae desfilar a interminavel theoria das victimas do sem numero de males physicos que afligem a pobre humanidade.

Conduzidos em macas do Posto para o Pavilhão, ou tendo seguido para lá por seu pé os que o podiam fazer, os doentes rezam cheios de confiança supplicando a cura das suas enfermidades ou ao menos

o balsamo do conforto celeste e a perfeita conformidade com a vontade de Deus. Os servos e as servas de Nossa Senhora do Rosario rivalisam uns com os outros em dedicação, sollicitude e carinho para com esses pobres membros pa-decentes da Igreja militante, multiplicando-se, por assim dizer, para atenderem a todas as suas necessidades.

Entre as pessoas que foram agradecer a sua cura a Nossa Senhora chama a attenção dos peregrinos uma rapariga de nome Rosa Maria Ribeiro, de 22 anos de idade, de Santo Thomé do Vale, Ponte da Barca, que sofria de uma ulcera gastrica e que foi curada subitamente em 13 de Setembro do ano passado. O relato da sua cura, acompanhado do retrato e de dois atestados medicos, foi publicado no numero de Agosto ultimo da *Voz da Fátima*. O seu medico assistente, o sr. dr. Bernardo Vieira Ribeiro, de Ponte da Barca, declara no respectivo atestado que a sua antiga cliente, que ele tratou durante dez meses sem resultado, «está completamente curada, não havendo nenhuma terapeutica que pudesse fazer uma cura tão completa e perfeita, sendo necessario admitir a intervenção de um poder sobrenatural para explicar o facto.» São estas as suas palavras textuaes.

A' uma hora da tarde organisa-se, na forma do costume, a procissão da Imagem, que é conduzida aos hombros dos servitas da Capella das aparições para a capella das missas. O rumor produzido pelo fluxo e refluxo da multidão tomada de entusiasmo, que se comprime á passagem do cortejo, as preces e canticos, os vivas e aclamações á Virgem, o acenar dos lenços, as palmas vibrantes e repetidas, constituem uma scena que não parece deste mundo e os olhos de todos inundam-se de lagrimas de funda commoção.

Seguem-se a missa official, o sermão prégado pelo eloquente abade de Cete, da peregrinação do Porto, e a benção dos doentes, que renova a commoção geral. Entre outros sacerdotes, acompanha Jesus-Hostia, o santo dr. Cruz, cujas orações os doentes soliciatm mudamente, beijando-lhe a mão unguida e sagrada. Terminam as cerimonias officiaes com a benção geral e a procissão que reconduz a Imagem da Virgem á sua capella.

A debandada geral.— No grandioso Mosteiro da Batalha.— O Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.— Gentileza e fidalguia da hospitaleira população de Leiria.— Regresso da peregrinação do Porto.— Primeiras peregrinações da Hespanha.

Quando a branca estatua da Virgem de Fátima foi novamente collocada sobre o seu pedestal, o rev. Abade de Cete tornou a erguer a voz clara, forte e bem timbrada para celebrar os louvores de Maria e dirigir-lhe um adeus terno e saudoso em nome dos peregrinos da cidade invicta. Terminada esta breve allocução de despedida, toda repassada de entusiasmo e de sentimento, principia a debandada geral dos peregrinos, que em numero de muitos milhares se encontram na Cova da Iria. Uma grande parte delles, mormente os peregrinos do Porto, seguem sem demora para a historica villa da Batalha, afim de visitarem o templo monumental do mesmo nome, o grandioso mosteiro annexo e o tumulo do soldado desconhecido. E' precisamente neste dia que a Santa Igreja, cujas glorias estão entretiecidas com as glorias de Portugal, celebra este ano a vigilia da Assumpção de Nossa Senhora ao Céu, em que as reduzidas hostes lusitanas alcançaram nos campos de Aljubarrota um dos mais assignalados triunfos de que ha memoria sobre os numerosos e valentes terços de Castella. Ao espirito do cristão e do patriota assoma neste dia, nimbada de luz e resplandecente de gloria, a figura maxima da nossa epopeia nacional, o Santo Condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Os peregrinos, depois da visita ao monumento, juntam-se no largo fronteiro e vão partindo pouco a pouco, para Leiria, onde a população os acolhe, como á vinda, com a mais captivante gentileza e a mais fidalga hospitalidade. Durante as primeiras horas da noite, depois do jantar, dirigem-se para a estação, á medida

que chegam os vehiculos contratados para os transportar.

E lá vão, a caminho da cidade invicta, modelo consumado de Fé viva e de trabalho indefesso, os passageiros do comboio especial, que iniciaram a sua longa viagem ás onze horas da noite, cansados do corpo, mas com as suas almas retemperadas para as lutas tormentosas da existencia. Para o dia treze do proximo mês de Setembro anuncia-se uma peregrinação de Viana do Castello, composta de quinhentas pessoas, e para o dia treze de Outubro seguinte uma grande peregrinação do sul do paiz, presidida por um dos nossos mais illustres Prelados, e duas peregrinações espanholas, uma de Bilbao e a outra de Salamanca.

Bem hajam os nossos irmãos de raça e de creença que, impulsionados pela Fé que fez grandes os dois povos da Peninsula, principiam já a confraternisar e a rivalisar connosco, em santa e salutar emulação, nas homenagens de piedade e de amor filial para com a augusta Virgem do Rosario, no seu glorioso sanctuario de Fátima!

Visconde de Montello

O RISO D'UMA RAPARIGA

Numa cidade de pouca importancia, e que talvez nem se encontre nos mapas, apresentou-se certa ocasião uma comissão para tratar de certos negocios.

Fazia parte desta comissão um joven engenheiro, que por desgraça, tinha perdido toda a creença religiosa.

Hospedou-se na melhor casa da povoação, na qual havia uma joven sympatica, de engenho não vulgar e sobretudo de grande piedade.

E' achaque de quasi todos os incredulos o não conhecerem a religião, e por isso mesmo se julgam no direito de a ridiculizarem.

Não deve, pois, parecer extraordinario que o nosso engenheiro no dia seguinte ao da sua chegada, escandalizasse aquella boa gente metendo a ridiculo todas as coisas da religião.

A consternação da familia era geral e completa, no meio das risotas dos companheiros do engenheiro.

A joven escondeu entre as mãos o rosto mais vermelho que uma romã.

Passaram-se assim muitos dias, repetindo-se a mesma scena á hora das refeições, apenas com pequenas differenças accidentaes.

Chegou enfim o dia em que o engenheiro, dando por concluido o seu trabalho, ia retirar-se.

Julgava ter feito obra maravilhosa, estupenda, e, com ares de triumpho, explicava envaidecido todos os seus planos aos amigos e á familia.

O desenho estava realmente excelente e os seus amigos davam-lhe os parabens por ser terminada com tão bom exito uma empreza tão difficil. No meio, porem, de todos estes elogios bem merecidos ouve-se uma juvenil, retumbante e estrondosa gargalhada, que fez voltar á uma todos os olhos para o logar donde saíra.

Era a joven, que mal podendo conter o riso, apontava com o dedo os planos e desenhos que o engenheiro julgava uma perfeição.

Ficou tudo embasbacado sem saber a que attribuir aquella alegria louca.

—Não nos saberás dizer porque te ris? (perguntou o pae meio zangado).

Ela porem, continuava rindo sempre a bandeiras despregadas e apontando com seu implacavel dedo a planta do engenheiro.

Este estava palido, mal podendo reprimir a colera que ia augmentando sempre com o crescente riso da joven.

Por fim, fazendo um grande esforço sobre si mesmo disse-lhe:

—Não saberá dizer-me o que ha notado nos meus desenhos para lhe causarem tanta alegria?

—Estão mal feitos, respondeu a joven. Esses traços são carregados e esses pontos que mal se percebem.

E as cores?!...Não, exclamou ella, voltando-se para os amigos do engenheiro, porque louvam estes desenhos? E deixou sair nova gargalhada.

O engenheiro vendo os seus trabalhos postos a ridiculo por uma joven ignorante, perguntou-lhe:

—Sabe topografia?

—Não, senhor.

—E desenho?

—Tambem não.

—Tem visto muitos desenhos?
 —São os primeiros.
 —Então admira-me muito o seu riso e parece-me muito ridículo escarneçar do que não sabe.
 Nesta altura, altiva e magestosa, levantava-se a joven e perguntou-lhe:
 —Conhece a fundo a religião catolica?
 —Não.
 —Já leu a Biblia e, em particular, os Evangelhos?
 —Não.
 —Sabe o catecismo?
 —Tambem não.
 —Pois então foi o senhor altamente ridiculo e procedeu como um grande estúpido, quando todos os dias escarnecia da religião.

Este facto é historico e uma pessoa do nosso conhecimento e amizade pode até citar os nomes.

Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Transporte	5.117\$55
V. N.	5\$00
D. Terra d'Almeida Mascarenhas... ..	20\$00
José Alexandre Pereira... ..	5\$00
	5.147\$55

AS CURAS DA FATIMA

Emilia Ferreira Sapateiro, de Riachos, escreve:

«Cheia de reconhecimento e gratidão para com a Mãe Santíssima venho, para sua glória e cumprimento da minha promessa, comunicar-lhe a cura completa de uma minha sobrinha de 2 anos que, atacada de uma meningite, com o caracter de fulminante, se curou em dois dias com a água de Fátima. Foi assim: No dia 30 de Junho do corrente ano adoeceu a minha sobrinha, e no dia 2 de Julho fui visitá-la. Minha irmã disse-me então que o médico lhe tinha aconselhado resignação, porque sua filha, se escapasse, ficaria cega. Então, cheia de confiança na Consoladora dos Aflitos, incuti em minha irmã, esperança na protecção da Mãe Santíssima e dei-lhe uma pequena porção de água de Fátima.

Minha irmã começou logo a fazer-lhe applicações com a referida água, e no dia 3 minha sobrinha estava melhor. No dia 4, estava completamente curada.

Rogo-lhe, senhor Director, faça publicar esta comunicação que, dando gloria á Mãe Santíssima, dá um grande prazer á sua humilde devota».

ATESTADO

Eu Ayres Correia de Sousa Neves, doutor em Medicina e cirurgia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, medico municipal da freguesia de Riachos, atesto que Maria José Ferreira, de 2 anos de idade, filha de Francisco Sousa Figueiredo e de Adalina Ferreira Sapateiro, todos naturais desta freguesia, se encontra hoje plenamente restabelecida duma meningite cerebrospinal de que foi presa a 30 de Junho de 1927.

Mais afirmo que a referida doente se encontrou, no inicio da sua doença, em estado grave, chegando a apresentar a essa data alguns signais clinicos que são apanagio das formas fulminantes.

Por ser verdade e me ter sido pedido eu passo o presente sob minha honra e responsabilidade profissionais.

Nos Riachos aos 12 de Agosto de 1927.

(a) Ayres Correia de Sousa Neves

Judith Maria Paulino, da Praia do Bom Sucesso, 33 1.º, Pedrouços, conta o seguinte:

«Permita-me V... que venha hoje cumprir um dever sagrado pedindo se digno inserir no seu jornalinho a Voz da Fátima o relato de uma cura que a Santíssima Virgem se dignou fazer-me.

Em 1902 depois de um resfriamento seguido de uma exaltação de sangue appareceu-me um eczema por todo o corpo; melhorava num sitio, rebentava noutro.

Corri varios medicos especialistas; analises de sangue etc...

Em 1909 consultei o Snr. Dr. Castro Freire que, como os outros, disse ser incuravel; mandou-me aos banhos do Estoril com os quais sentia alguns alivios.

Por fim de tempo, tendo um ataque de gripe, puz sinapismos nas pernas que resultou rebentarem-me, abrindo buracos. Andava sempre num desespero, horas com comichão, ardor e dores. Era um constante e horrivel sofrimento que por vezes me retinha meses de cama, dizendo o Ex.mo Snr. Doutor Castro Freire que, além da antiga doença, tinha varizes ulcerosas ou ulceradas muito profundas, falanda-me numa operação mas não me aconselhando a fazê-la... Tendo este desengano, e ouvindo gabar a Ex.ma Snr. Doutora D. Maria Paixão, fui consultá-la dizendo-me esta que só recolhendo ao hospital para fazer operação ficaria boa; mas como sou rebelde a operações o tempo passava e eu continuava piorando sempre.

Constou-me então que uma boa menina Julia Marques Morgado, tem o condão especial de curar com a agua de Nossa Senhora do Rosario de Fátima e, fazendo novenas, resando o terço de Nossa Senhora eu andava de pé mas vendo que breve iria p'rá cama. Numa das crises tão custosas de suportar, sem ser apresentada e perdendo o acanhamento, fui bater á porta daquela caridosa menina, pedindo-lhe que me tratasse e prometi uma perna de cêra em tamanho natural a N. Senhora, a qual fui levar a Fátima ao fim de 4 meses, em 13-10-1925. Justissimo é que proclame bem alto o nome tantas vezes glorioso da dulcissima Mãe do Céu pondo-se bem evidente tantas graças obtidas. Faça-se luz aos descrentes, espalhe-se a fé pelo mundo. São passados 2 anos e, com a graça de N. Senhora, não voltou tão doloroso sofrimento».

Maria Francisca Mourão, Rua da Boa Vista, 85, Porto, escreve:

«Santo lugar, em que o sobrenatural penetra em nós, até ao mais intimo das nossas almas, ávidas de consolações divinas!

Em palavras simples vou contar o que se passou comigo.

Prometi a Nossa Senhora, caso ouvisse as orações de tão pobre peccadora, ir a Fátima agradecer as grandes graças que lhe pedia. E como tam boa Mãe, acolhe sempre com carinho, os seus filhos, assim Ela se dignou vir em meu auxilio. Tinha designado, o dia 13 de Junho do corrente ano quando uma terrivel tosse e temperatura se apoderaram de mim afectando-me os bronchos e a base do pulmão direito. Passava as noites sentada na cama e com falta de ar. Minha familia não queria que eu partisse nesse estado mas eu insisti até que obtive licença do Médico e dos meus para realisar a minha viagem espiritual. Uma vez lá, recebi a Sagrada Comunhão com um fervor como nunca experimentei e o que então senti nem ousou descrever. Felizes lágrimas as que nessa ocasião brotaram de meus olhos! Assisti a várias Missas e depois aproximei-me da fonte miraculosa para beber daquela purissima água que tem dado saúde e força a tantos doentinhos. Facto singular: a febre abandonou-me por completo, tosse nunca mais tive e quando o Médico me examinou ficou admirado por o pulmão respirar lindamente e não existir qualquer vestigio da fraqueza que o minava.

Grças e mais grças sejam dadas a tam Soberana Senhora que honra a Pátria Portuguesa. Confessa-se eternamente reconhecida. A mais humilde devota de Nossa Senhora do Rosário da Fátima».

José Maria Martins Pinheiro, da vila Praia de Ancora, tendo uma ferida numa perna há mais de um ano, e, receando que nunca mais lhe sarasse, por ter feito muitos remédios sem o menor resultado, recorreu a Nossa Senhora de Fátima, começando uma novena e lavando a ferida com água de Fátima, que uma pessoa amiga lhe deu. Teve a consolação de ver-se curado, ao terminar a novena.

Como prova de gratidão, pede a publicação desta grande graça na Voz da Fátima, e envia uma lembrança para auxiliar as despesas do culto. Salvé, Mãe de Misericórdia, Saude dos Enfermos!»

Florentina Andrade, moradora na rua Conde Redondo n.º 10, cave, Lisboa, desejava publicar no jornalinho de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, um milagre recebido em menos de 24 horas.

Conheço José dos Santos ha muitos anos como homem serio e bom visinho. Ele sofre ha bem vinte anos de uma ulcera

no estomago. Quarta feira de Trevas deste ano estava elle tão mal, que nada conservava no estomago, e tinha arrancos que se ouviam no andar de cima. Minha filha foi lá por acaso e veio horrorizada de ver o estado em que elle estava. Virei-me para Nossa Senhora do Rosario da Fátima e para o Sagrado Coração de Jesus, e, prometi-Lhes com muita fé de ir ouvir missa e receber Jesus em meu peito se me fosse concedido o grande milagre da sua cura. Logo que cheguei a casa fui procurar uma das filhas dele para me vir buscar a agua. Assim que a menina chegou a minha casa peguei lhe nas mãos e a fiz ajoelhar diante das imagens. Eu fiz o mesmo.

Dei-lhe um copo da agua de Nossa Senhora do Rosario da Fátima e disse que fosse resando pelo camiho e desse a agua toda a beber ao pai. O pai assim que bebe a agua deitou-se para traz muito aflito. Daí a pouco levantou-se e disse: «a agua fez-me bem, estou melhor, vão-me buscar outro copo dela».

Na sexta feira Santa tornou-me a mandar pedir outro copo logo de manhã. Daí a pouco levantou-se, foi até ao barbeiro e sabado de Aleluia foi trabalhar. Graças a Deus, até hoje sente-se sempre muito bem disposto.

Foi um milagre tão rapido que toda a gente que o presenciou se convenceu que Nossa Senhora do Rosario da Fátima por intervenção da sua milagrosa agua o curou.

Eu vou no dia 13 de Junho agradecer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima o ter salvo um chefe de familia que tanta falta fazia a quatro meninas que tem.

A morada de José dos Santos é na Rua Gonçalves Crespo n.º 40, cave.

OUTRAS GRAÇAS

Prometeram publicá-las e veem agradecer-las a Nossa Senhora do Rosario da Fátima:

Dulce de Matos, professora em Lisboa, que obteve no fim de dois dias uma graça pedida: *Beatriz Ilharco de Moura*, da Quinta de Santo Antonio, Coimbra; *Felismina Nogueira Freire*, do Casal do Ouro, as melhores de uma sobrinha; *Maria José Gomes Coutinho Gouveia*, rua das Casas do trabalho 67, Belem (Lisboa) que havia oito anos sofria do nariz; *Clotilde R. de Sousa d'Almeida*, da Quinta da Boa Vista, Alenquer, a cura de uma pessoa de familia em perigo de vida; *Maria Laura Araujo de Sousa Amorim*, da Quinta da Lagoa, Valbom, a cura de seu sobrinho Augusto que esteve desenganado por tres juntas medicas; *Maria José de Beja Artiaga*, rua da Sociedade Farmaceutica 68, r/c, Lisboa, em doença grave de sua mãe; *Delfina de Matos*, de Cadafaz (Gavião) estano doente havia seis meses em perigo de vida; *Ana Santos Mauricio*, de Monsanto (Alcanêna) em riscos de perder um boi doente; *Victor Fernandes*, de Aldegalega, (doença de intestinos); *Rosa da Conceição Moreira*, de Lisboa (hysterismo); *Uma senhora* de Lisboa tendo conseguido o baptismo de tres creanças de 4, 5 e 7 anos; *Manuel Augusto de Pinho Lopes*, da Murtosa; *Amelia de Jesus Pescaria*, de Setubal; *Rosa Ribeiro Fernandes Paulo*, rua de Santo Antonio 80, Porto; *Maria da Conceição de Sousa Tavares e Sampaio*, da Covilhã, tendo perdido os sentidos em um parto; *Ignacia Soares Gomes*, de Sequeira, Braga, uma graça temporal concedida a uma leitora da Voz da Fátima por meio do Santo Rosario; *A. de J. Pires*, de Evora; *Maria Alice de Vasconcelos Bastos*, da freguesia de S. Tomé de Canelas, Baião (Douro); *Joaquina Antunes Guerra*, rua da Cadeia, 33—Evora, a cura de sua filha; *Maria Carlota Vahia Trigueiros*, do Fundão, uma graça particular, prometendo uma novena de Missas e comunhões; *Sara Judith Leitão*, da Covilhã, a cura de sua mãe; *Josefina Rosa Simão* de Casaes da Igreja, na enfermidade de um rapaz creado de servir chamado Candido: *João de Oliveira*, de Asseiceira (Tomar); *Marcelino Rafael*, da Mendiga; *Maria de Lourdes de Barcelos Coelho Borges*, de Angra (Açores), graças varias; *M. E. de R. S. de Oeiras*, o restabelecimento de um filho doente; *Antonio Ferreira de Mello*, de Angra (Açores), a cura duma doença grave depois duma novena e de tomar agua de Fátima; *João Martins Mano*, de Castanheira de Aréga (Figueiró dos vinhos), estando havia annos entevado, comichão e chagas nas pernas a ponto de não poder dar um passo nem socegar, recorreu a N. Senhora da Fátima, prometendo resar o Rosario dez dias; *Justina d'Oliveira Faria*, de Santo Estevão de

Barrosas (Louzada); *Julietta Padrão*, de Idães (Barrosas); *Amelia dos Santos Pinhal*, de Espinho; *Antonia Bastos* (em uma grave enfermidade); *Etelvina de Carvalho Pacheco*, da Covilhã (a cura de uma filhinha que sofria dos ouvidos); *Elvira Maria Henriques Leal*, Travessa da Cearia, 22—Torres Vedras (a cura de um abcesso); *Emilia Feio*, da rua da Prata, 184—2.º Esq. Lisboa (em doença grave de um genro); *Antonio de Figueiredo e Silva*, de Mortagua; *Antonio Pereira Manso*, dos Matos, Espite (duas graças); *Serafim da Silva Carneiro*, de Pardelhas, Fafe (uma ferida numa perna havia seis mezes).

VOZ DA FÁTIMA

Transporte... ..	76.602\$45
Papel, composição e impressão do n.º 59 (35.000 exemplares)... ..	1.954\$50
Sêlos, expedição, gravuras, caminho de ferro, etc... ..	361\$45
Outras despesas... ..	170\$00
Soma	79.088\$40

Subscrição

Novembro de 1926

José d'Oliveira Barbas (com dez escudos assim como os seguintes), *Maria Adelaide Ferreira*, *Antonio Furtado Mendonça*, *Antonio Correia d'Escobar*, *Artur Mariano d'Escobar*, *José da Rosa Rodrigues*, *Maria Gomes Felix*, *Custodio Pereira d'Escobar*, *Inês L. Travassos Alva*, *Joana Leopoldina da Silva*, *Maria da Conceição Freitas*, *Maria Teodora Ferreira*, *João de Brito Pacheco*, *Margarida de Lemos Magalhães*, *P.e José Inacio d'Oliveira*, *Luz de Carvalho Mosquita* (20\$00), *Maria d'Almeida Pinto*, *Laura*, *Lucrecia d'Andrade*, *Hermenegildo Costa*, *José d'Oliveira Xavier*, *Porfirio Martins Pontes*, *Rita Trindade dos Santos*, (20\$00), *Maria da Glória Albano Santos*, *Antonio Rodrigues*, *Antonio Gomes*, *Manuel Pinto Moreira*, *Deolinda Almeida*, *Anna Ferreira*, *Guilhermina da Piedade Chaves* (cento e dez escudos), *Conceição Lopes Braz*, *Julia Almeida*, *Carmina Simões Franco*, *Alice C. Carrilho Louro Garcia*, *Maria Amelia de Freitas Farpela*, *Condessa de Margaride*, *Maria Ribeiro da Silva* (20\$00), *Maria Almeida* (20\$00), *Clara Monteiro*, *Maria Carmo Pessoa*, *Baroneza de Nora*, *Francisca d'Almeida Vasconcelos*, *Albertina d'Azevedo Girão*, *Condessa de Azevedo*, *Deodata Analia Malato*, *Maria do Rosario Cardoso*, *Maria Helena P. S. Pimentel de Moraes*, *Filomena Moraes de Miranda*, *Carolina Isaura Lopes Cardoso* (20\$00), *Maria Paula Bentes*, *Palmira da Encarnação Mousinho*, *Ana Rosa Monteiro Baptista*, *Filomena Augusta Pais*, *João Paes Aguiar*, *Maria das Dôres Tavares de Souza* (70\$00), *Maria Emilia Barbas*, *Lucia d'Oliveira Soares* (20\$00), *Candida Vassalo Santos*, *Feliciano Lopes*, *Amelia Vila Noercia*, *Teresa Lourenço*, *Almerina Alen*, *Maria Fernanda Vaquinhas de Carvalho*, *Maria Eugenia Barrento*, *Maria Izabel dos Santos Jorge*, *Eliza Penaforte Cardoso*, *Maria Viana Moreira*, *Maria José Pedreira Botto*, *Ramiro Monteiro Rodrigues*, *Filomena Nunes*, *Teresa Alvarrão Corrente*, *Jacinta da Trindade*, *Ana do Rosario Corrente Soares*, *Angelina Gordo*, *Adelaide Barros Freire*, *Judith Pereira*, *Armando Cardoso*, *Constança Carregosa*, *Maria Amelia Pizarro*, *Antonio Rodrigues Grãos*, *José Barreiros*, *Victoria de Avelar George*, *Valentina de Mendonça*, *Albino Eduardo Macieira*, *José Ferreira Junior*, *Armando Alves*, *Francisco Martins Alves*, *Manuel Emiliano Rodrigues Batalha*, *Jorge de Passos Costa*, *Prioreza do Convento do Bom Sucesso*, *Ermelinda Duarte*, *José Rafael Lopes d'Andrade*, *Joaquim de Souza*, *Antonia da Conceição Dias Moita*, *José d'Oliveira Tavares Junior*, *Domingos do Cural*, *Alzira Vieira*, *Maria da Apresentação David Gonçalves*, (40\$00), *Adelaide Braamcamp de Mello Breyner*, *Maria Luiza d'Almeida* (12\$50), *Maria da Conceição Ribeiro*, *Joaquina da Cunha Correia* (20\$00), *Maria Fernanda Santos* (cem escudos) *Mariana J. Rodrigues Claudio* (16\$00), *Sofia Pinheiro*, *Beatriz da Rocha Werneck* (20\$00), *Maria Amorim Lima*, *Adriana Taborda*, *Eugenia Taborda*, *P.e Alberto Gomes*, *Catarina Feio Leite Rios*, *Emilia Feio Vale*, *Maria Eliza Feio Cruz*,

Maria de Jesus Leal Rodrigues, Aninha dos Prazeres do Vale, Joaquim Pereira, Julio Gonçalves Ramos, Gertrudes Pinto Serrano, Maria José de Silva, Mariana Moreira dos Santos, Maria do Socorro Paiva (11\$00), Maria da Conceição Santos (11\$00, Olinda Godinho Reis, Antonio Machado Fagundes Moura, Ana Moreira da Silva, Teresa Guimarães, Eduardo Joaquim do Vale, Margarida L. d'Almeida (20\$00), Maria Amelia Vieira de Carvalho, P.e Francisco Joaquim da Rocha.

Nossa Senhora de Fátima em Lisboa

Revestiram esplendor especial as festas em honra de N. Senhora de Fátima celebradas no dia 13 de maio, concorrendo para isso o facto de esse dia ser feriado official. Alem da inauguração de altares e imagens, benção de estandartes, Comunhões numerosas, preces vespertinas, houve varios sermões.

Queremos destacar entre estes um, feito na Capela de Nossa Senhora do Monte do Carmo, por o orador, R. P. Valerio Cordeiro, ter versado directamente os argumentos teologicos que nos persuadem a considerar bem fundado o culto. Protestando a sua obediencia ás determinações da Igreja o orador acha que deante da extenção cada vez maior do culto, prestado á Mãe de Deus sob esta denominação, precisa ele de ser elucidado: «*Qui elucidant me habent vitam aeternam* (era o texto do sermão).»

Expoz brevemente as origens: as aparições da Cova da Iria. E perguntou: Devem elas ser aceites? Podem constituir uma base teologica do culto?

Para responder a esta pergunta precisamos de propor dois principios: a) que é proprio das obras de Deus alcançar resultados grandes com causas pequenas; b) que pelos efeitos havemos de julgar da causa. Exemplificou estes dois principios com o Evangelho: como Jesus tinha usado de meios, na apparencia sem proporção alguma com os grandiosos efeitos produzidos: a cura por um pouco de lodo aplicado aos olhos, uma simples ordem para tranquilizar o mar e resuscitar mortos, etc. Tambem para fundar uma obra tão grande como a Igreja Ele se serviu de doze humildes pescadores. Os grandes institutos religiosos nasceram tambem de homens pouco considerados pelo mundo, como a maravilhosa obra de S. Francisco de Assis. Quanto ao segundo principio é corrente na ascetica: conhecer a arvore, pelo fructo, como diz Nosso Senhor. E' o unico meio que temos para dizer se uma determinada causa, cujo exame directo nos escapa, é ou não é boa. A humildade das pessoas, a santidade que resulta de determinado apostolado ou devoção, são os criterios para julgarmos da bondade das causas.

Aplicou então estes dois principios aos factos de Fátima. Tres pobres creanças conseguem mobilizar milhares de pessoas junto do local das aparições. Os interrogatorios das creanças, duas quaes já falaram santamente, mostram a sua ingenuidade, alheia a todo o espirito de impostura ou engano. Nada ha nas respostas que possa fazer entrever o desenvolvimento da devoção, nada ha nas mensagens, que tenha resaiço de novidade: penitencia, reza do terço. E contudo mais de cem mil pessoas juntam-se para rezar, na charneca incomoda de Fátima, apesar do desconforto da viagem e hospedagem, apesar da aridez agreste do sitio. Como explicar efeitos tão grandiosos senão vendo nele o dedo de Deus? *Digitus Dei est hic?*...

Se consideramos agora os efeitos em si vemos dezenas de casos maravilhosos, de curas de doenças, atestadas por medicos; de curas de alma de que podem dar fé as pessoas que em Fátima viram reacender em si a chama religiosa quasi extincta.

Comunhões fervorosas cuja preparação é o sacrificio; orações ardentes, confiança na Virgem Santissima, resignação... numa palavra tudo o que vemos em Lourdes... Nosso Senhor apelava para as suas obras como prova da sua missão divina. Não se poderá dizer o mesmo de Fátima? E essa agua, simbolo da graça, e portadora de tantas graças, e esses fenomenos solares, e essas multidões que de norte ao sul de Portugal accorrem ao local das aparições não são outros tantos

argumentos para vermos a mão de Deus que dirige o mundo?

Terminou com uma invocação fervorosa á Senhora de Fátima. Ela soube por modos misteriosos conquistar o seu coração, sem milagres, apenas com o affecto, aqui lhe quer testemunhar a sua fé, a sua confiança. Valei Senhora aos peccadores, valei ao nosso paiz. Nas grandes crises da sociedade foi a devoção ao Rosario que alcançou as graças do Céu. Tambem ela nos valerá. Exhortou todos a cultivar tal devoção e chamou a attenção das senhoras para a mensagem a respeito das modas e imodestia e para a necessidade de todos combaterem em si a sensualidade, tão alheia da Virgem Purissima Mãe de Deus.

Esta declaração categorica do orador impressionou muito a assistencia.

O problema do sofrimento

Sendo Deus, como realmente é, sumamente bom, porque nos faz sofrer?

Não se trata aqui do sofrimento como consequencia do peccado original, tanto mais que, se o sofrimento actual com ele tem ligação, esta é contingente e accidental.

No fundo é independente do peccado original pois que Deus poderia impor-nos o sofrimento sem injustiça nem crueldade ainda que Adão não tivesse peccado, pois que a impassibilidade de que ele o dotou era um privilegio gratuito.

E' preciso, pois, explicar o sofrimento em si mesmo e independente do peccado original.

E' o que vamos tentar fazer. Ha um principio simples e certo que vamos expor:

Não é crueldade impôr a um homem uma pena, se dahi lhe deve resultar um bem consideravel; e isto pode até trazer a marca de uma grande bondade. Quanto mais profunda fór a diferença entre esta pena e este bem, mais o aspecto de mal deve ser afastado.

Nunca ninguem se queixou de lhe ser aplicado este principio.

O lavrador não murmura dos sofrimentos que lhe impõe o seu campo porque espera a compensação da colheita. O operario não se queixa do cansaço, porque pensa no salario: por vezes ele procura até o trabalho mais penoso se este é mais remunerado.

Um pae não é alcunhado de barbaro se submete o seu filho doente a uma operação dolorosa, donde lhe virá a saude.

Ora, se Deus nos submete ao sofrimento é em vista do salario que nos quer conceder e da colheita de méritos e de felicidade que d'ahi deve resultar para nós, bens immensos, temporaes e eternos, que dahi devemos tirar.

O sofrimento torna-nos aguerridos tempera-nos o caracter, virilisa a nossa vontade. Desliga-nos das frivolidades da vida.

Conduz-nos para Deus, levanta os nossos olhos para o ceu, emquanto que a prosperidade quasi sempre nos cega e nos desvia.

Torna-nos misericordiosos para com os nossos irmãos que sofrem. A dôr dá á humanidade occasião de mostrar a sua bondade, a sua dedicacão, a piedade e todas as suas virtudes. Ella nos põe tudo o mais claro possivel.

Isto, quanto a este mundo.

Mas o sofrimento aceite de boa vontade produz bens muito superiores, os bens eternos. Faz-nos adquirir meritos para o Ceu.

Dá-nos direito a uma corôa, a uma gloria e felicidade incomparaveis.

Diziamos acima que quanto maior fór a distancia entre o sofrimento e o bem que dahi resulta, mais brilha a bondade daquele que fez depender uma da outra.

Ora neste caso a distancia é infinita pois que um dos termos é o infinito. E' o proprio Deus que se faz a nossa recompensa dando-se a nós, como Elle disse a Abrahão:

Ego ero merces tua magna nimis.

Tambem S. Paulo afirma que as tribulações desta vida não pôdem pôr-se em paralelo com a gloria que nos está destinada.

«O nosso sofrimento, diz ainda ele, é momentaneo e ligeiro, mas vale-nos um peso imenso de gloria.» E isto é de tal modo verdadeiro que se os eleitos no ceu pudessem queixar-se não seria de terem sofrido, mas de não terem sofrido mais, porque assim mais teriam merecido e maior gloria teriam agora no paraíso.

Vê-se, pois, que, se Deus nos envia a dôr é para nosso bem, é por bondade e amor.

Em vez de nos queixarmos, deveriamos agradecer.

A dôr é uma especie de despertador ou o sinal d'alarme que nos avisa que a machina do nosso corpo ou da nossa alma estão em perigo.

Se não fosse o sofrimento a voz imperiosa da fome, talvez muitas vezes deixassemos de alimentar o nosso organismo, que não cuidaríamos de proteger do frio, dos perigos, se não fosse a dôr.

A dôr moral, o remorso, avisa-nos de que nos afastamos da lei moral e por tanto da vontade de Deus.

Mas porque fará Deus sofrer as creanças?

Vá lá. Compreende-se, dirá alguém, que Deus envie o sofrimento ao homem que pode com ele aproveitar e ganhar, o ceu.

Mas a creança, que não pode fazer actos de resignação e por isso não pode merecer?

Parece nela a dôr um acto de crueldade da parte do Creador.

Ora Deus estabeleceu leis geraes que regem a natureza viva, e em particular, a natureza humana. Essas leis trazem naturalmente consigo desastres particulares, como tempestades, inundações, incendios, fomes, doenças.

Deus não poderia impedir os sofrimentos e mortes que d'ahi derivam senão fazendo milagres que destruiriam essas leis.

Querer que Deus faça assim milagres a jácto continuo, é uma pretensão demasiado exorbitante para um cristão e ainda maior para os que não acreditam em milagres. O mais que se pode exigir é que Deus tire o bem moral do mal fisico. E Elle não falta a isto.

E' verdade que a creança sofre, mas, 1.º) muito menos que se imagina porque não tem senão uma consciencia, vaga e obscura do seu mal. Ele não o prevê e a verdade é que esta previsão faz-nos talvez sofrer mais que o proprio mal. Semelha-se um pouco a um homem no estado comatoso.

2) Se o sofrimento da creancinha arrastada pela doença ou por um desastre, não tem recompensa propriamente dita no céu, tem, ao menos, uma compensação. E' que o que ella sofre é absolutamente insignificante em relação com a felicidade de que Deus o cumula sem nenhum merito da sua parte. Falamos da creança baptizada que vai direita ao céu e não passa mesmo pelo purgatorio. Esse pequeno ser, saído do nada sem nenhum direito, não ficou mal da herança. A creança não baptizada, essa terá ainda bastante felicidade, muito superior ás felicidades terrestres posto que quasi infinitamente inferior ao céu.

3) Finalmente, a dôr da creança é para os que a presenciam, para os pais que com isso sofrem, um bem moral, pelos actos de fé, de resignação, de caridade e dedicacão que ella inspira.

O sofrimento da creança, é, pois um mal inevitavel mas compensado e adocado pelos bens reais que Deus teve em vista permitindo-o.

Mas, porque faz Deus sofrer o animal?

O animal, dirão, não pecou. Portanto, se sofre, é uma injustiça. Não ha para ele compensação no outro mundo; é pois uma crueldade.

Aqui ha ainda a considerar a lei geral á qual o Creador deixa o seu livre curso.

Será Elle nisto injusto e cruel?

Para o afirmar seria preciso saber duas coisas sobre as quais não temos senão noções muito vagas.

Seria preciso saber o que é o sofrimento no animal e nós não o sabemos. O sofrimento tem a sua sede fisica no nosso systema nervoso que ella revolve e agita, que reage e que d'ella procura livrar-se. O animal tem esta sensação porque se agita, bêrra, procura evitar o golpe, sacudir e lançar fora o dardo que o fere.

Mas esta sensação é no homem acompanhada de consciencia e é por isso que ella se converte em sofrimento. Quanto mais a consciencia é desenvolvida mais agudo é o sofrimento. No sono esta consciencia sensivel está tambem

adormecida e é por isso que então não sofremos. No entanto o mal e sensação fisica lá está. São duas coisas distintas.

Ora a consciencia do animal é uma coisa surda, obscura e não nos é conhecida.

Quasi se pode comparar a sua dôr á d'um homem adormecido que experimenta um mal estar mas não o sente.

O animal sente, mas não como nós; sofre, mas não como nós.

Ha pois, uma enorme diferença entre a sua dôr que tem a sua sede nos nervos e a dôr humana que depende ao mesmo tempo da consciencia d'uma alma espirital, da noção do tempo, da previsão, da apprehensão, da perspectiva do fim mais ou menos afastado, tudo isto coisas desconhecidas ao animal. E como ir acusar Deus duma injustiça a proposito dum fenomeno tão misterioso e que nós conhecemos tão mal? E seria necessario tambem provar que o sofrimento é por sua essencia senão um castigo. Disse mas não se prova. Pode ser o efeito d'uma lei geral e superior cuja razão nos escapa. E ha tantas outras deante das quaes nós temos de confessar a nossa ignorancia!...

Um livre pensador... de joelhos

Em 6 de setembro de 1923, conforme lêmos na *Croix des jeunes gens* de 28 d'agosto ultimo, deu-se em Lourdes o seguinte interessante caso:

Uma doente da diocese de Reims, de cerca de trinta anos, extendida na esplanada junto dos outros doentes, atraía dum modo especial a attenção dum livre pensador que, como curioso, assistia á procissão do Santissimo Sacramento. A' vista deste farrapo humano, dizia lá para si o livre pensador:

—Ali está uma que eu desafio quem quer que seja a cura-la!

Quando a Santa Hostia se aproximou o homem ficou de chapeu na cabeça.

Um *brancardier* fez-lhe vêr a indelicadeza.

—Não tem nada com isso, replicou o descrente.

Para evitar algum escandalo, o *brancardier* não insistiu e ajoelhou sem dizer palavra.

Precisamente neste momento a custodia traçava o sinal da cruz sobre a doente. Imediatamente, como que impelida por uma mola, a doente levanta-se, lança um grito e caíu de joelhos para adorar o Santissimo Sacramento. Curada! Estava realmente curada!

Ao mesmo tempo que ella um outro se ajoelhava tambem. Era o livre pensador. Mas agora já não tinha o chapeu na cabeça e, prostrado, chorava...

E emquanto a miraculada se dirige para o *Bureau das verificações*, o homem corre para a basilica e dirige-se a um confessorario.

Nesse mesmo dia elle pergunta o nome da miraculada e pede para lhe falar no dia seguinte. Veio a saber que ella se chamava senhora *Hasard* (que em francês quer dizer senhora *Acaso*!).

Que nome tão symbolico. Como Deus tem destas deliciosas ironias!

Hasard, isto é, *Acaso* providencial!

No dia seguinte, vinte e tres medicos verificavam o caracter preternatural da cura.

Nessa mesma manhã a miraculada começara a desempenhar as funções de enfermeira!

Ella teve tambem a visita do livre pensador da vespera...e, ambos, felizes um pelo outro, tiveram uma entrevista, que na sua linguagem simples, foi um acto de gratidão, um *Te Deum* do coração, talvez mais eloquente que o da liturgia, de que eles ignoravam as palavras.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiudadamente, o minimo de dez mil réis.